

O PÁSSARO DE FOGO

AMOSTRA

AMOSTRA

O PÁSSARO DE FOGO

JULIETTE CROSS

Tradução de Louise Goveia



ALTA BOOKS
E D I T O R A

Rio de Janeiro, 2026

O Pássaro de Fogo

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2025 JULIETTE CROSS

ISBN: 978-85-508-2962-3

Translated from original Firebird. Copyright © 2025 by Juliette Cross. ISBN 9781250339942. This translation is published and sold by arrangement with Bramble is an imprint of Tor Publishing Group, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

813.5
Cross, Juliette ; O pássaro de fogo - 1.ed. - Rio de Janeiro : Alta Books, 2026
368 p. ; 11. ; 13,5 x 20,5 cm.

Título Original: Firebird
ISBN: 978-85-508-2962-3

Literatura norte-americana. I. Cross, Juliette. II. Título.
CDD 813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura norte-americana 813.5

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Coordenadora Editorial: Illysbelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Louise Goveia

Copidesque: Mariana Naime

Revisão: Andresa Vidal



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



AMOSTRA

Para meu amado marido.

AMOSTRA



NOTA DA AUTORA

A civilização culta, porém brutal, da Roma antiga serviu de inspiração para este mundo de fantasia. No entanto, ele deve ser entendido como uma reinterpretação do Império Romano, e não um retrato historicamente preciso. Usei licença poética com frequência na história.

Um exemplo disso é que Malina Bihari e sua família são do antigo território de Dácia, que corresponde à Romênia moderna.. No entanto, no livro, eles falam romeno, não dácio, porque o dácio é uma língua extinta que não foi registrada. Escolhi usar a língua do povo que vive ali hoje.

Também reinventei alguns dos deuses, deusas e elementos da mitologia de Roma. Neste mundo, os romanos de sangue puro compartilham ascendência com os antigos titãs — dragões — e com os próprios deuses. Seu poder, portanto, é divino. Como na Roma histórica, eles usam esse poder e força para conquistar, queimar e escravizar. E como a própria história prova, sempre haverá rebelião e revolução diante da opressão e da tirania.



AS CASAS DO DRAGÃO

Listadas em ordem de hierarquia, prestígio e poder em Roma, estão as seguintes linhagens:

- **Ignis** — Linhagem vermelho-fogo

Descendentes de Rômulo, um dos dois irmãos amamentados por uma dragoa, que recebeu o poder da transformação. Rômulo matou seu irmão Remo e fundou Roma tornando-se seu primeiro imperador. A linhagem Ignis sempre teve maior domínio político no governo de Roma.

- **Media Nocte** — Linhagem preta-meia-noite

Descendentes de Remo, o outro dos dois irmãos dragões. Ambos receberam o poder da transformação por meio da mãe dragoa, uma poderosa titã do mundo antigo, coberta de escamas vermelhas e pretas.

- **Sapphirus** — Linhagem azul-safira

A primeira linhagem de dragão a nascer depois das linhagens Ignis e Media Nocte. Essa linhagem nasceu do acasalamento entre o deus Netuno e a filha mais velha de Rômulo.

- **Amethystus** — Linhagem roxa-ametista

Descendente de uma filha de Plutão e Proséripina, esta linhagem surgiu quando a jovem implorou para voar livremente pelos céus abertos em vez de viver confinada às profundezas do submundo,

seus pais a enviaram ao reino mortal para viver entre os mortais.

- **Chrysocolla** — Linhagem verde-malaquita

Sua existência foi abençoada pela deusa Diana, cuja flecha atingiu o coração de um dragão Sapphirus enquanto ele acasalava com sua ninfa Egéria. Quando foi ferido pela flecha, instantaneamente, perdeu a coloração azul e assumiu a tonalidade do prado, onde fizeram amor, o que conferiu essa tonalidade à sua prole.

- **Griseo** — Linhagem cinza

A casta mais baixa de dragões, que não têm ascendência conhecida. Devido à falta de hierarquia, eles são frequentemente usados nas arenas de gladiadores.

- **Vicus** — Dragão branco

Trata-se de uma anomalia presente apenas em dragoas, que podem nascer de qualquer casa. Essas dragoas são consideradas escolhidas pelos deuses para servir como sacerdotisas em seus templos. É uma honra prestigiosa nascer Vicus.

- **Chrysos** — Dragão dourado

Trata-se de uma linhagem lendária com poder de fogo extraordinário, que está extinta. Nenhuma origem conhecida, embora se acredite que tenha sido tocada pelo próprio deus Júpiter.



O MITO DE MEDUSA

Medusa nasceu como um dragão branco. Ela era um bebê adorável que se tornou uma menina bonita e, posteriormente, uma mulher linda. Ela tinha um, e apenas um, sonho para sua vida: adorar e servir aos deuses.

Ela ficou radiante por ser selecionada para servir como sacerdotisa no Templo de Minerva. A deusa da guerra e da sabedoria era o auge da força e da inteligência femininas.

Ela louvou os deuses por lhe conceder uma vida tranquila de serviço pois isso era tudo que sempre desejara. Ela se deleitava em ajudar os outros e se dedicava a manter o templo e o altar como um lugar sagrado para os romanos adorarem e implorarem favores à deusa.

Sua vida era boa. Ela estava feliz. Ela era abençoada.

Até que, um dia, o deus Netuno espionou Medusa caminhando pela praia, onde ela meditava uma tarde por semana.

Netuno ficou instantaneamente encantado com seus cabelos loiros pálidos e lustrosos e com seu corpo voluptuoso. Quando deixou a praia, ele a seguiu. Seguiu-a até o templo, onde ela passou a trabalhar, limpando o altar.

Dominado pela luxúria, Netuno violentou Medusa sobre o altar, roubando sua virgindade com um gemido e uma liberação satisfatória. Ele foi embora sem olhar para trás, deixando-a em desespero, entre sangue e lágrimas.

Suas duas irmãs a encontraram e choraram com ela por tudo que perdera, por tudo que fora roubado. Sem sua virgindade, ela seria expulsa do templo, e seu papel como sacerdotisa lhe seria tirado. Para Medusa, isso era um destino pior do que a morte.

A deusa Minerva ouviu as três chorando e sussurrando orações por ajuda. Ela desceu em uma nuvem prateada, espalhando as suas asas largas de dragão.

— Não chores, minha criança — disse a Medusa.

— Mas estou manchada e arruinada. Não posso mais servi-la.

— Pode sim, minha querida. E você vai. Suas irmãs também.

A deusa se ergueu, ficando ereta, com os chifres de dragão mais evidentes no crânio, e a cauda branca chicoteando o ar.

Medusa e as irmãs olharam maravilhadas para a poderosa deusa acima delas, seus olhos roxos faiscando.

— Como? — perguntou Medusa, lágrimas escorrendo pelo belo rosto.

Minerva colocou a palma da mão sobre a cabeça de Medusa.

— Netuno a viu e foi dominado por seu próprio desejo. Vou lhe dar poder sobre os homens para que não possam fazer isso novamente. E vou lhe dar mais. — Seus dedos brilharam em branco onde ela segurou o crânio de Medusa. — Concedo-lhe o dom de uma feiticeira. Como uma cobra diante de sua presa, você se agarrará a qualquer homem que escolher e derramará maldade em seu coração. Será capaz de forçar seus inimigos a sentirem desespero, dor e perda. Você os controlará por meio da magia que detém.

Medusa suspirou ao sentir o poder se infiltrar em suas veias.

Minerva, então, colocou a mão sobre a irmã à sua direita.

— Concedo a você o dom da sereia. Qualquer homem cujo sangue você provar, cairá aos seus pés e fará sua vontade. Mesmo que ordene que ele morra, ele assim o fará.

A irmã desmoronou quando o poder da deusa preencheu seu corpo e sangue.

Minerva segurou a cabeça da terceira irmã, com os olhos

brilhando em branco de poder etéreo.

— *Concedo-lhe o poder do beijo de Caronte. Seus lábios soprarão a morte sobre as bocas dos homens corruptos. Seus espíritos sofrerão por todas as suas transgressões.*

A terceira irmã gritou quando a magia se entrelaçou em sua alma.

A deusa ergueu-se imponente, esticando as asas largas.

— *Netuno fez mal a você, minha criança. Por seu crime, os homens sofrerão. Mas nenhum que não mereça. Você e suas irmãs seguirão em frente e me servirão bem. Vocês punirão homens maus e os condenarão.*

Medusa, não mais sufocada pelo desespero sombrio, levantou o rosto para a deusa.

— *Quando terminaremos? Quando nosso trabalho estará concluído?*

Minerva sorriu, com os dentes afiados como lâminas.

— *Quando homens maus não mais perambularem por este mundo.*

Então as três irmãs saíram pelo mundo para fazer seu trabalho sagrado. Porém, quando estavam velhas e às portas de Plutão, ele tomou suas almas doces, mas não os dons de Minerva. Esses poderes não tinham lugar no submundo. Ele os enviou de volta ao reino mortal, onde foram passados a mulheres dignas repetidamente, século após século.

Alguns dizem que os dons místicos de Minerva têm procurado as irmãs certas, aquelas que corrigirão todos os erros da humanidade de uma vez por todas.



PRÓLOGO

MALINA

Dácia, 53 a.E.C.

— Malina — sussurrou minha irmã. — *Vino aici.*

Ignorei seu chamado novamente, continuando a espiar pela abertura da tenda.

A multidão se apertava perto do palco onde Hanzi inclinava a cabeça para trás e deslizava uma espada pela garganta. Uma erupção de admiração se ergueu, seguida de aplausos.

— *Malina.*

Finalmente fechei a abertura da tenda com um puxão. Lela removeu o lenço de cabeça, ondas negras de cabelo caindo sobre os ombros. Sentei-me com força no banquinho de madeira, e observei-a com inveja descarada. Nossa *bunica*, nossa avó, lhe deu o *basma* colorido no dia de seu noivado, no mês passado. Aquilo ainda fazia meu coração se apertar de inveja.

— Que olhar é esse, *bebelus*? — perguntou.

— Eu queria que você parasse de me chamar de bebê.

Lela inclinou a cabeça e sorriu de maneira maternal, então pegou o bastão de *kobl*.

— Feche os olhos.

Obedeci, suspirando enquanto Lela delineava minha pálpebra esquerda primeiro.

— Vai me contar o porquê dos suspiros? Você sempre adorou dançar para a multidão. — Eu podia ouvir o sorriso em sua voz. — E a multidão adora você.

— Não é isso. É só... sinto falta da Mama e do Papa. Sinto falta de casa. — E eu não queria que nada mudasse. Tudo mudaria quando ela se casasse com Jardani.

Normalmente, nossos pais teriam vindo conosco. A maior parte de nosso clã estava com nossa caravana. Mas o inverno se aproximava. Havia muito o que fazer e preparar antes que a neve começasse a cair. Nossos pais e alguns anciãos selecionados de cada *família* do clã permaneceram para trás. Nossa caravana havia feito um pequeno círculo através do vale abaixo da cordilheira sul dos Cárpatos. Essas últimas moedas nos serviriam bem durante os meses de inverno.

Como fizera muitas vezes antes, Lela esfregou o *kohl* para engrossar o sombreamento ao longo das bordas externas dos meus olhos.

— Esta é a última vila. Vamos desmontar o acampamento pela manhã e começar a jornada de volta para casa. — Ela riu na garganta. — Mas você não me engana. Vai sentir falta disso.

Lela terminou de aplicar o *kohl* e escovou meu cabelo da maneira que costumava fazer antes de se apaixonar e passar todo o seu tempo com Jardani.

Meu olhar se voltou para o meu colo, onde tracei com os dedos o desenho intrincado em fio dourado da minha *fustã* vermelha. As medalhas de joias douradas e prateadas costuradas no tecido vibrante piscavam à luz da lanterna. *Bunica* tinha feito a saia de lã ricamente adornada de uma forma que evoluía em arcos perfeitos quando eu girava no palco.

Eu me levantei e alisei a blusa branca, com o bordado dourado em forma de estrela desenhando curvas suaves para baixo até onde

encontrava a *fustă*, criando um desenho contínuo que valorizava minha figura.

— O que quer dizer com isso?

— Você é uma aventureira, Mina. Curiosa demais para o seu próprio bem.

Encolhi os ombros.

— O mundo é um lugar interessante.

— E perigoso. Especialmente para uma garota selvagem de 17 anos. — Seus olhos escuros percorreram meu corpo, uma ruga apertando a testa. — E uma que parece muito mais velha.

Era verdade que eu havia herdado mais curvas de nossa mãe do que Lela. Nós duas éramos completamente diferentes. Lela era toda doce e tinha o jeito gentil de nosso pai. Eu tinha a ousadia e o temperamento curto de nossa mãe.

— Estou quase com 18 anos — argumentei.

— E solteira e desprotegida.

Eu odiava aquele lembrete. Ela se casaria em breve, e a mãe já estava insinuando que eu seria a próxima. O que eu mais queria era que tudo ficasse igual, mas isso parecia impossível.

A entrada da tenda se abriu com um estalo. Jardani ocupou a entrada, o cenho tempestuoso escurecendo seus traços, os ombros largos tensos com prontidão.

Lela se endireitou.

— O que foi?

— Romanos.

Minha garganta ficou seca, o medo acelerando meu pulso.

— Há algum... — Engoli em seco, incapaz de terminar a pergunta. Mas Jardani sabia.

— Sim — ele rosnou. — Um é um centurião.

A tenda foi aberta novamente. Kizzy e Kostanya surgiram por trás da figura imponente de Jardani.

— Os romanos estão aqui — sussurrou Kizzy.

— Para assistir ao espetáculo — completou Kostanya.

Nossas irmãs gêmeas, um ano mais novas que eu.